

Os sentidos da cidade: o Porto nos mapas mentais dos estudantes

Diogo Guedes Vidal

Unidade de Investigação UFP em Energia, Ambiente e Saúde
Universidade Fernando Pessoa
Portugal

Helena Vilaça

Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras
Universidade do Porto
Portugal

RESUMO

O presente artigo procura discutir e refletir sobre alguns resultados de uma investigação que teve como principal objetivo conhecer e analisar o campo simbólico da cidade do Porto, e as suas representações através dos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Optando-se por uma amostra de conveniência, foi aplicado um inquérito por questionário *online* resultando num conjunto de 108 respostas válidas. De forma a conhecer as imagens mentais dos estudantes, foram recolhidos cinco mapas mentais. Os resultados possibilitam conhecer e desconstruir a cidade aos olhos dos estudantes através de uma leitura da organização mental que fazem da mesma e dos elementos que identificam como orientadores no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; sentido; representação; mapa mental

ABSTRACT

This article aims to discuss and reflect about some results of a research which main objective was to know and analyse the symbolic field of the city of Porto and its representations through the students of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto. By choosing a convenience sample, an online questionnaire survey was applied resulting in a set of 108 valid answers. In order to know the mental images of the students, 5 mental maps were collected. The results make it possible to know and deconstruct the city by the student's eyes through a reading of their mental organization they do from it and the elements that they identify as guiding in the space.

KEYWORDS: city; sense; representation; mental map

Introdução

A cidade é talvez a maior invenção do ser humano. A linha temporal que percorreu é torneada pelas mudanças das sociedades sendo, por isso, uma representação da mesma. Moldada pela forma como nos relacionamos, fruto das modificações físicas e simbólicas, a cidade é hoje um espaço plural partilhado por grupos distintos portadores, também eles, de práticas distintas. Enquanto espaço permeado por lógicas contrárias à da ruralidade, a cidade fez emergir uma privatização de múltiplas esferas da vida dos indiví-

duos, numa lógica voltada para a individualização e desenraizamento. Na verdade, a cidade é o lugar da troca monetária, da diversidade e do cosmopolitismo. Neste ponto, Louis Wirth dá conta disso mesmo, de um fenómeno de desprendimento, quase de uma desnecessidade em partilhar um espírito de comunidade ou de pertença (Wirth 2001). Aliás, este anonimato social, ou anomia social como Durkheim (1964) referiu, algo muito próprio do urbano, acompanha-nos até aos dias de hoje. Mas a cidade do agora, contemporânea

por sinal e ainda portadora de práticas de produção e reprodução do espaço social, é também um espaço flutuante, atemporal e, até, indefinível. A globalização e os fluxos constantes de pessoas, nomeadamente os estudantes, moldam a cidade como um espaço de encontros e desencontros de culturas que se justapõem no espaço social (Featherstone 1997).

O Porto, localizado no litoral norte português, é hoje uma cidade internacional reconhecida devido aos sucessivos prémios de melhor destino europeu. Fruto deste reconhecimento, a afluência turística na cidade e o constante fluxo de pessoas desemboca um conjunto de transformações das suas paisagens. A Universidade do Porto acolhe estudantes de todo o território nacional e internacional promovendo uma cultura de troca, partilha e fortalecimento de relações internacionais. É um duplo processo: por um lado trazem consigo as suas experiências; por outro levam um pouco da cidade com eles. A cidade não é só dos que nela residem. A cidade é de quem dela se apropria, consome, altera e modifica as suas paisagens e sentidos.

O presente artigo propõe uma reflexão em torno de alguns resultados de uma investigação de cariz sociológico (Vidal 2016, 2017) que teve como principal objetivo conhecer e analisar o campo simbólico da cidade e os sentidos atribuídos pelos estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). A abordagem adotada assenta na aplicação de um inquérito por questionário a 108 estudantes e na exploração de cinco mapas mentais produzidos pelos mesmos. Pretende-se, neste sentido, dar resposta à seguintes questões: Quais as imagens, representações e sentidos que os estudantes atribuem à cidade? O que os distancia e o que os aproxima? Que elementos se destacam?

1. A cidade enquanto espaço de (re)produção

Se a cidade é uma representação humana, então ela é, também, um produto social. E nesta linha Lefebvre (1974), em *La production de l'espace*, ajuda-nos a perceber que cada sociedade possui a capacidade de produzir um espaço, o seu espaço, modelando-o e apropriando-o à sua imagem e semelhança. O espaço social incorpora em si mesmo os atos sociais, individuais e/ou coletivos, assumindo-se como um fiel “analisador da sociedade”. Desta forma, o conceito de “prática social” (Lefebvre 1974) resulta numa interação dialética com o espaço, produzindo-o lentamente para, em seguida, dominá-lo e apropriar-se dele. A prática espacial associa, no espaço percebido, a realidade quotidiana e a realidade urbana. Por outro lado, as representações do espaço encontram-se inscritas no espaço concebido pela mão dos artistas, urbanistas e tecnocratas. As conceções do espaço concebido tendem, inevitavelmente, a resvalar para um sistema de signos verbais elaborados intelectualmente (a dialética como referimos anteriormente). Por sua vez, o espaço vivido, espaço de representação e de apresentação, é vivido através de símbolos e imagens (dimensão abordada na análise empírica deste trabalho). É um espaço dominado

que a imaginação procura modificar e apropriar. A prática social, entendida enquanto ação reprodutora do espaço social, alicerça-se em duas condições: a temporalidade, balizada pela sucessão e encadeamento; a espacialidade, balizada pela simultaneidade e a sincronização. Deste modo, os espaços sociais, interdependentes, tendem a se compenetrarem. Os lugares não se justapõem no espaço social. Eles acabam por se interpor, compor e/ou chocar. Quase numa lógica natural em que cada peça corresponde ao seu encaixe, harmoniosamente. E isto ganha importância quando Lefebvre (1974) aponta que esses mesmos espaços têm a capacidade de dissimular o seu próprio conteúdo, ou seja, de certa forma dificultar a sua interpretação.

É no espaço social que a dimensão representacional da cidade se estende, pois a mesma projeta no terreno a sociedade inteira com aspetos culturais, éticos, instituições e valores, sendo assim o suporte da base económica da sociedade e das relações sociais.

Os contributos de Edward Soja, nomeadamente os que integram a obra *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions* (2000), auxiliam neste processo de análise do espaço social. Para Soja (2000), o “thirdspace” – espaço vivido – incorpora o melhor de dois mundos: por um lado o espaço concebido, “secondspace”, e, por outro, o espaço percebido, “firstspace”. Trata-se de desenvolver a capacidade de imaginação (nas palavras de Lynch (1960), “imaginabilidade”) geográfica e mental da cidade. O “thirdspace” é desta forma entendido como um espaço de representação e de imaginação, permeado pelas memórias e experiências individuais e coletivas dos sujeitos que compõem o espaço da cidade. À representação da cidade encontram-se subjacentes dois processos indissociáveis: um primeiro, de materialização das práticas no espaço onde podemos situar o processo de produção e reprodução do mesmo. É um espaço mais objetivo, ligado à forma e ao espaço físico, sendo possível mensurar e mapear as práticas da vida urbana (Soja 2000); um segundo, onde ocorre a representação mental da cidade, concetualizado no imaginário individual que, posteriormente, constrói um coletivo. Como exemplo deste espaço o autor refere o mapa mental que todos nós transportamos no nosso imaginário, atualizável e inacabado devido às constantes experiências na cidade (Soja 2000). A combinação destes dois espaços culmina com um terceiro de interpretação da cidade onde estão conjugados o real e o imaginário. É assim entendido como um espaço simultaneamente real e imaginado, que baloiça entre o virtual e o real e que estrutura a ação individual e coletiva (Soja 2000). Ao refletirmos sobre o que Lefebvre e Soja nos dizem talvez possamos dizer que o “thirdspace” potencia a leitura da dimensão representacional da cidade. No fundo, trata-se de uma escrita biográfica da cidade guiada pelas memórias e experiências subjetivas dos sujeitos: um exercício de interpretação. A este propósito, Fernandes refere que “constrói-se como se representa e representa-se como se constrói” (Fernandes 1995, p. 62) espelhando que a idealização e a conceção são indissociáveis, numa relação quase perfeita de completa harmonia.

2. A cidade do agora

A cidade moderna é a cidade dos invisíveis. O maior contraste entre o campo e a cidade é visível na fraca visibilidade da vida coletiva e na crescente privatização de circuitos do primeiro para a segunda. Além destes fatores contrastantes, e de certa forma diretamente relacionados com eles, também a mobilidade e a liberdade, interligadas, são marcas distintivas da vida na cidade. Rémy e Voyé, em a *Cidade: rumo a uma nova definição?* (2004), referem precisamente a ideia de cidade enquanto local privilegiado de deslocação e mobilidade. Nas palavras dos autores a “mobilidade torna-se, portanto, condição de adaptação e de participação na vida urbana.” (Remy, Voyé 1997). É interessante verificar que num ponto prévio da obra dos mesmos autores, a deslocação, em meios não urbanizados, era entendida como sinónimo de desorganização, dado que o que vinha de fora colocava em causa a organização social interna da aldeia ou vila. Esta mobilidade permite, sem margem de dúvida, uma liberdade de escolha aliciante para o indivíduo da cidade.

O simbólico da cidade e os seus significados tendem a ser plurais. É na cidade que se assiste a uma dispersão dos indivíduos no que toca a práticas de lazer. Os mesmos tendem a fixar-se em lugares e espaços que os remetem para memórias e imagens próximas com os quais se identificam. Rémy e Voyé contrapõem exatamente esta situação numa dualidade rural-urbano. Na opinião dos autores, era no espaço rural que o trabalho tinha uma função de dispersão enquanto o fim de semana resultava num agrupamento da população em torno do centro e na partilha de práticas comuns; ora na cidade e no espaço urbano é o trabalho que desempenha uma função de íman dos indivíduos, funcionando como fator de aglomeração, enquanto o fim de semana e os tempos livres são momentos individuais, de dispersão em lugares atomizados.

As noções de cidade, de espaço social, de mobilidade e de privatização/individualização de que falámos até ao momento podem ser novamente retomadas quando nos debruçamos nos textos de Georg Simmel. Na verdade, Simmel talvez possa ser assumido como um sociólogo dos sentidos, característica que também encontramos em Carlos Fortuna (1997, 1998), e que transmite uma clareza na interpretação dos sentidos da cidade moderna. Em “The Metropolis and Mental Life” (Simmel 1971a), o autor descreve e caracteriza a vida na cidade como uma espécie de múltiplos microcosmos, interligados e interconectados, onde a intensificação dos ritmos diários e da multiplicidade de circuitos dificulta o sentimento de comunidade e de grupo. Este processo conduz ao surgimento de uma figura característica da cidade, o indivíduo «blasé»: sobrevivente aos múltiplos estímulos e solicitações através da adoção de uma postura de indiferença. Este indivíduo, que pode ser novamente identificado em “The Stranger” (Simmel 1971b), é, efetivamente, um estranho na cidade. A cidade produz o sentimento de estranhos, algo que no mundo rural não existia, até porque o estranho era de imediato identificado, como

o que vem de fora. Na cidade isso não acontece. Os estranhos somos todos nós, que vivendo perto estamos mais longe do que nunca. É, no fundo, uma questão de naturalização da diversidade, com microculturas dentro de locais pequenos (Featherstone 1997).

Da cidade e do seu campo simbólico fazem parte elementos plurais (Jodelet 1989), condicionados pelo peso das experiências de outrora, de momento especiais, de lazer ou de práticas diárias. Lembramo-nos do que já vivemos, do que vivemos e do que desejamos viver. Trata-se, sobretudo, de um exercício meio real e meio imaginário (Cesário et al. 1996; Fortuna, Peixoto 1999). Daí que as representações da cidade possam ser consideradas marcas do que é real e do que é simultaneamente imaginado. Assim, a “linguagem das representações” (Cesário et al. 1996) é a expressão de como os atores sociais mobilizam as imagens e transpõem as suas experiências para o papel. São, por si só, marcas de um passado, de um quotidiano que perdura no seu vasto campo simbólico.

3. Caminhos metodológicos para uma aproximação às novas apropriações da cidade – o caso do Porto, Portugal

Ancorada numa abordagem exploratória, a presente investigação, que decorreu entre outubro de 2015 e junho de 2016, operacionalizou-se através da construção de um inquérito por questionário e da sua posterior aplicação, bem como da análise de mapas mentais construídos pelos participantes. A escolha dos estudantes da FLUP como público-alvo assentou na sua heterogeneidade sociocultural, enquanto espaço universitário de confluência de indivíduos provindos de várias regiões do país e do mundo, originando diferentes olhares sobre a cidade.

O inquérito por questionário foi divulgado via correio eletrónico para toda a comunidade estudantil da FLUP, obtendo-se 108 questionários válidos (Tabela 1). Dado o carácter exploratório do estudo e o tipo de amostra não probabilística por conveniência, os resultados devem ser lidos à luz de uma tentativa de aproximação que, em último caso, poderá servir de base para estudos mais focalizados e direcionados para determinadas questões, eventualmente as que possam ser levantadas no decorrer desta investigação. Apesar de o inquérito ter sido aplicado somente a estudantes da FLUP tivemos, contudo, a participação de três estudantes com formações da área da Biologia, Design de Comunicação e Engenharia. Entendemos que ao terem recebido um correio eletrónico com o inquérito em linha estariam inscritos em unidades curriculares, formação contínua ou cursos livres da Faculdade, pelo que os seus dados foram tratados neste estudo.

Tabela 1 - Distribuição dos cursos dos estudantes que responderam ao inquérito

Licenciatura	N	Mestrado	N
Arqueologia	3	Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário	1
Biologia	1	Estudos Literários, Culturais e Interartes	3
Ciências da Comunicação	3	Estudos Medievais	1
Ciências da Informação	3	História e Património	3
Ciências da Linguagem	1	História, Relações Internacionais e Cooperação	2
Cultura e Artes - Multimédia	1	Linguística	1
Design de Comunicação	1	Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Espanhol.	1
Engenharia	1		
Estudos Portugueses e Lusófonos	3	Sociologia	30
Filosofia	3	Tradução e Serviços Linguísticos	1
Geografia	6	Turismo	1
História	4		
História de Arte	7		
Línguas Aplicadas	6		
Línguas e Relações Internacionais	1		
Línguas, Literaturas e Culturas	7		
Sociologia	13		

Fonte: Vidal 2016

Tendo em linha de conta o público-alvo, não será surpreendente que, devido à crescente feminização do ensino superior português, 67,6% dos participantes do inquérito são do sexo feminino (Tabela 2) e 88,9% solteiros (Tabela 3).

Tabela 2 - Sexo dos inquiridos

Sexo	N	%
Masculino	35	32,4
Feminino	73	67,6
Total	108	100

Fonte: Vidal 2016

Tabela 3 - Estado civil dos inquiridos

Estado civil	N	%
Solteiro(a)	96	88,9
Casado(a)	6	5,6
União de facto	4	3,7
Divorciado(a)/Separado(a)	2	1,9
Total	108	100

Fonte: Vidal 2016

Verifica-se que os inquiridos residem, na sua quase totalidade, na Área Metropolitana do Porto (AMP) – ou seja, cerca de 96,3% (Tabela 4). Também a Tabela 5 evidencia que a distância média de residência dos inquiridos até ao centro do Porto é, em 93,5%, menor que 50 quilómetros, proporcionando, por isso, um maior contacto e ligação com a cidade, o que irá influenciar as imagens mentais sobre a mesma.

Tabela 4 - Zona de residência dos inquiridos

Zona de residência	N	%
AMP	104	96,3
Outra	4	3,7
Total	108	100

Fonte: Vidal 2016

Tabela 5 - Distância da residência dos inquiridos ao centro do Porto

Distância média	N	%
<50 km	101	93,5
50-100 km	5	4,6
>100 km	2	1,9
Total	108	100

Fonte: Vidal 2016

Através da questão em que foi pedida a naturalidade – concelho e freguesia – construiu-se a Tabela 6 em que se agruparam os inquiridos segundo quatro categorias: Porto-cidade, AMP, Fora da AMP e Não portuguesa. O objetivo da criação desta variável assenta na vontade de perceber qual o nível de relação existente entre o inquirido e a cidade. Mais propriamente, entendemos que o facto de 34,2% dos inquiridos serem naturais de freguesias da cidade do Porto terá influência nos resultados. Verifica-se que 41,7% dos inquiridos pertencem à AMP, evidenciando a estreita ligação que os municípios contíguos estabelecem com a cidade central, neste caso o Porto.

Tabela 6 – Naturalidade dos inquiridos

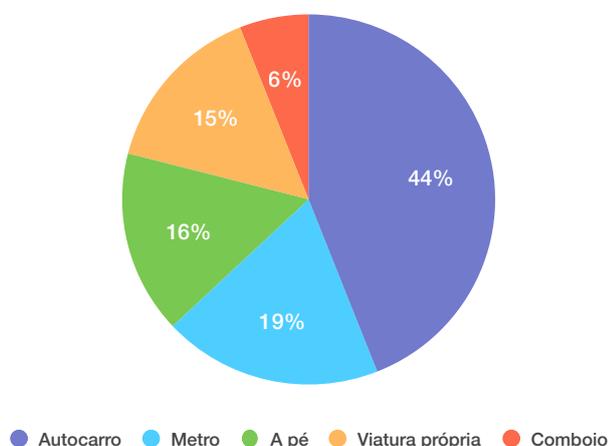
Naturalidade	N	%
Porto-cidade	37	34,2
AMP	45	41,7
Fora da AMP	17	15,7
Não portuguesa	9	8,3
Total	108	100

Fonte: Vidal 2016

Aquando da análise dos dados providos dos inquiridos, deparámo-nos com a evolução do conceito de cidade para os estudantes. Cada vez mais estendida no espaço físico, vê os seus limites físicos e administrativos questionados. Não porque não estejam previamente definidos, mas porque a cidade-mãe absorve os municípios contíguos e estende-se sobre eles provocando um efeito de ligação quase indissociável. Causa ou efeito deste fenómeno é a AMP, aqui entendida na sua vertente física e na capacidade de ligar municípios, aproximando-os e quebrando barreiras. Como Rémy e Voyé (1997) referem a mobilidade é a característica basilar da cidade moderna e, neste sentido, importa perceber a relevância que os transportes e as suas redes comportam nesta análise. Hoje, as cidades são espaços globais, de fixações temporárias, transnacionais e distanciadas de uma imagem de estagnação. São, sobretudo, espaços de mobilidade onde a confluência de culturas, etnias e crenças religiosas resultam em dois processos distintos: um, positivo, referente à cidade como um mosaico multicultural; um outro, menos positivo, relativo ao agigantar das polarizações sociais e económicas (Oliveira 2017; Vilaça 2017).

Para tal, devemos olhar para o Gráfico 1 onde estão representados os meios de deslocação utilizados pelos inquiridos no trajeto realizado entre a residência e a faculdade.

Gráfico 1 – Meio de deslocação no trajeto residência-FLUP



Fonte: Vidal 2016

Uma das possibilidades que estes dados podem trazer à luz da discussão da temática tem que ver com o facto de que o meio de transporte utilizado está enquadrado num percurso pela cidade, influenciando as imagens e sentidos que os estudantes transportam. Sendo o “autocarro” o meio de transporte mais utilizado pelos inquiridos – 44% – poderá significar que as suas imagens serão dominadas por referências espaciais e/ou físicas que se incluem nesse mesmo trajeto. Também se torna interessante quando nos deparamos com o facto da percentagem de “Metro” – 19% – estar muito próxima da percentagem da deslocação “a pé” – 16%. Ainda que em penúltimo lugar na escolha pelos estudantes como forma de deslocação para a faculdade, a percentagem de utilização da “viatura própria” não deixa de evidenciar a dependência do automóvel para a deslocação nas sociedades contemporâneas.

O arquiteto Avelino Oliveira, numa conferência intitulada de “Mobilidade Urbana como elemento chave no desenvolvimento territorial” professada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto¹ em 2016, apresenta-nos dados que vão de encontro aos apurados pelo inquirido. É esmagadora a percentagem que o automóvel possui nos fluxos da área metropolitana do Porto, nomeadamente cerca de 62,4% dos movimentos pendulares. No que se refere à utilização do autocarro, segundo Oliveira (2016) representa 62,5% dos mesmos movimentos na AMP. Isto deve-se, em seguimento da utilização do metro, à expansão do cartão Andante para diversos meios de transporte. Se por um lado a linha STCP desempenha um papel cabal na cidade do Porto e nos seus municípios fronteiriços, como é o caso de Matosinhos, Maia, Gaia e Gondomar, é certo que muitos operadores privados – que estabelecem a ligação à restante AMP – beneficiam com a utilização do Andante. Neste sentido, Oliveira (2016) acredita que esse é o cartão da mobilidade do momento, permitindo conectar diferentes cidades, facilitando os movimentos pendulares entre as mesmas.

4. Experiências e apropriações da cidade

Os trabalhos de Carlos Fortuna, sociólogo de e para a cidade, foram inspiradores no processo de construção do inquirido e, como tal, é importante assumir a sua influência na nossa investigação. Como refere a dado momento no seu artigo inspirado pelos escritos de Walter Benjamin, mais do que conhecer a cidade é ter a capacidade para perder-se nela (Fortuna 1998). Nesse sentido, optamos por questionar os inquiridos se alguma vez se perderam na cidade e, no caso de a resposta ser positiva, que sentimento experienciaram. De acordo com a Tabela 7, constatámos que 61 inquiridos já se perderam na cidade e que maioritariamente são do sexo feminino.

¹ Onde esteve igualmente presente o arquiteto Paulo Castelo Branco.

Tabela 7 – Já se sentiu perdido na cidade?

Sexo	Sim (N)	Não (N)
Masculino	22	13
Feminino	39	33
Total	61	46

Fonte: Vidal 2016

Já a Tabela 8 dá conta da relação existente entre o curso/formação dos inquiridos e o sentimento experienciado aquando do momento em que se perderam na cidade, considerando-se para o efeito o sentimento mais referido pelos inquiridos. Este cruzamento de variáveis almeja vislumbrar pistas para uma associação relativa à possível influência que o curso/formação possui nos elementos que constituem o universo simbólico dos estudantes sobre a cidade. Verificámos que estamos perante três grupos distintos que, por conseguinte, experienciaram diferentes sentimentos: por um lado é frequente em cursos como História e Património, Tradução e Serviços Linguísticos, Estudos Portugueses e Lusófonos e Línguas Aplicadas experienciarem sentimentos de índole mais negativa, nomeadamente confusão e pânico. No entanto, cursos como Sociologia, Arqueologia, Ciências da Comunicação, Ciências da Informação, Ciências da Linguagem, Cultura e Artes, Filosofia, Geografia, História e Línguas, Literaturas e Culturas experienciam sentimentos que ligam o prazer e a liberdade à perda na cidade. Por fim, cursos como Design de Comunicação e Engenharia experienciaram a tranquilidade no momento em que se perderam na cidade. Perante estes resultados exploratórios salientamos que perder-se na cidade não significa, necessariamente, uma experiência negativa, mas pode, como os dados nos mostram, tornar-se numa experiência única, numa oportunidade de (re)descoberta da cidade e dos seus recantos.

Após a análise dos resultados provindos do inquérito por questionário acreditamos que a análise exploratória tornar-se-ia mais robusta com a recolha de informação qualitativa, convidando os estudantes a construir um mapa mental da cidade do Porto. A escolha destes estudantes ocorreu através de uma lógica de conveniência, ou seja, à medida que nos íamos deslocando pela FLUP os estudantes eram convidados de forma direta a participar, mediante a prévia explicação do estudo e do seu objetivo e, caso aceitassem, elaboravam o mapa sem a co-presença do investigador. O mesmo era recolhido após o seu término. O pedido foi colocado sem qualquer indicação sobre o que deveriam escrever, apenas com o objetivo de construir o mapa mental que possuíam sobre a cidade do Porto, à semelhança da questão que Lynch indica na parte metodológica da sua obra “Make it just as if you were making a rapid description of the city to a stranger, covering all the main features. We don’t expect an accurate drawing - just a rough sketch.” (1960, p. 141). Não foi possível escolher estudantes que já tivessem participado no inquérito por questionário, uma vez que isso colocaria em causa a confidencialidade

e o anonimato das respostas dadas. Assim, e através de uma saturação teórica, ao fim de 18 mapas mentais construídos, a mesma foi atingida (Tabela 9).

Tabela 8 – Cruzamento entre o curso e o sentimento experienciado aquando do momento em que se perdeu

Licenciatura	Sentimento
Sociologia	Liberdade/Prazer
Arqueologia	Liberdade
Ciências da Comunicação	Liberdade/Prazer
Ciências da Informação	Liberdade
Ciências da Linguagem	Prazer
Cultura e Artes - Multimédia	Liberdade
Design de Comunicação	Tranquilidade
Engenharia	Tranquilidade
Estudos Portugueses e Lusófonos	Confusão/Segurança
Filosofia	Liberdade
Geografia	Liberdade
História	Confusão/Prazer
História de Arte	Liberdade/Confusão
Línguas Aplicadas	Confusão/Pânico
Línguas, Literaturas e Culturas	Liberdade
Mestrado	
História e Património	Confusão
Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Espanhol.	Liberdade
Sociologia	Prazer/Tranquilidade
Tradução e Serviços Linguísticos	Confusão
Turismo	Liberdade

Fonte: Vidal 2016

Uma vez que uma parte dos mapas mentais já se encontra publicada (Vidal 2018), optámos por apresentar e discutir outros ainda não publicados. Desta forma, foram selecionados cinco mapas mentais (Tabela 10), distintos entre si pelo grau de pormenor, pela escolha de elementos e pelas expressões escritas nos mesmos que revelam, em parte, as representações sobre a cidade. O que os aproxima é o grau de relação que os autores do mesmo têm com a cidade, uma vez que não é recente, ou seja, o seu contacto não ocorreu por entrada na universidade.

Kevin Lynch (1960) aponta cinco organizadores mentais da cidade: caminhos/vias (“paths”), entendidos como ruas ou caminhos percorridos pelos indivíduos, dotados de uma certa característica (ruas comerciais ou de serviços); limites (“edges”), que podem ser aqui entendidos como limites não administrativos, como o caso de rios, estradas ou muros, às vezes associados a barreiras simbólicas de segregação espacial; bairros (“districts”), que se caracterizam por

espaços homogêneos, portadores de uma identidade própria, cultural ou social; nós (“nodes”), espaços de cruzamento, de mudança, onde o observador entra e visualiza a cidade; e, por fim, os marcos ou pontos marcantes (“landmarks”), mais concretamente espaços singulares onde o observador não entra dada a sua aura memorável e identitária para a cidade. Assim, a análise dos mapas teve, essencialmente, em consideração a forma como estes elementos organizadores se encontravam, ou não, presentes neles, tendo em consideração que os mesmos não foram previamente pedidos aos estudantes para serem incorporados nos seus mapas mentais.

Tabela 9 – Distribuição dos cursos dos estudantes que construíram os mapas mentais

Licenciatura	N
Sociologia	2
História	1
Línguas, Literaturas e Culturas	3
Ciência da Informação	2
Línguas e Relações Internacionais	1
Tradução	1
Mestrado	N
Sociologia	1
Estudos Africanos	1
Estudos Literários, Culturais e Interartes	1
História, Relações Internacionais e Cooperação	1
Ensino do Inglês e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, nas áreas de especialização de Espanhol	1
Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário	2
Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Espanhol	1
Total	18

Fonte: Vidal 2016

O primeiro mapa mental (Figura 1) leva-nos a questionar o peso que a proximidade da residência do autor tem na organização mental da cidade. Trata-se

de um estudante do Mestrado em Estudos Africanos, com 24 anos, residente em Vila Nova de Gaia, margem sul do Rio Douro.

Figura 1 – Mapa mental n.º 1



Fonte: Vidal 2016

Denota-se uma ausência de caminhos, mas uma preponderância significativa de marcos, como é o caso da Torre dos Clérigos, do Coliseu do Porto, da Praça dos Leões, da Trindade, da Biblioteca Municipal e do Teatro Rivoli. Os elementos mencionados encontram-se dispersos no espaço, sem ordem ou sentido entre si. Revela uma noção da cidade pouco harmoniosa e orientadora, um certo grau de desconhecimento da mesma. Existe uma menção à zona oriental da cidade, nomeadamente a referência a Campanhã, não como espaço, mas sim pelo facto de ser uma estação de caminhos-de-ferro. Somente a zona central da cidade está representada. A cidade surge desorganizada, dispersa no espaço e desligada entre si.

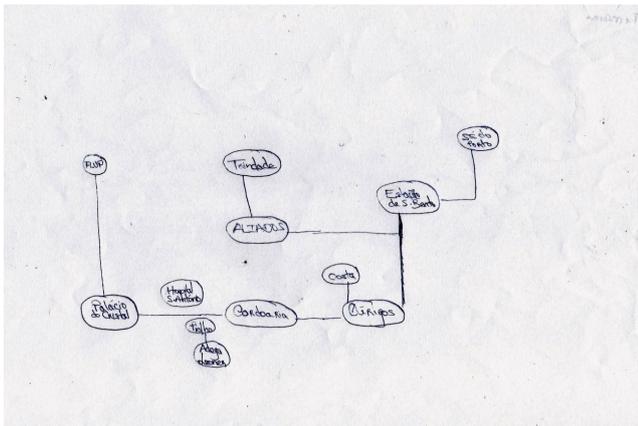
O caso do mapa que se segue (Figura 2) demonstra uma evolução da noção de espaço e de organização da cidade. A autora é uma estudante da Licenciatura em Ciência da Informação, com 19 anos e residente em Penafiel. A cidade é organizada em caminhos (“paths” cf. Lynch 1960) e em marcos.

Tabela 10 – Caracterização sociodemográfica dos autores dos mapas mentais

Mapa	Sexo	Idade	Residência	Curso
1	Masculino	24	Vila Nova de Gaia	Mestrado em Estudos Africanos
2	Feminino	19	Penafiel	Licenciatura em Ciência da Informação
3	Feminino	18	Gondomar	Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas
4	Feminino	23	Espinho	Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
5	Feminino	22	Porto	Licenciatura em Sociologia

Fonte: Vidal e Vilaça

Figura 2 – Mapa mental n.º 2

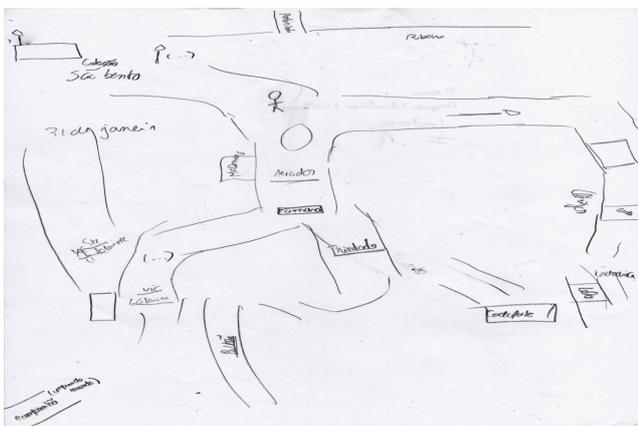


Fonte: Vidal 2016

É interessante que, em todos os mapas, as referências apontadas inserem-se no percurso do autocarro que se desloca do centro da cidade (baixa) até à zona da faculdade (FLUP). É possível iniciar o percurso desde a estação de S. Bento, passando pela Avenida dos Aliados, subindo a Rua dos Clérigos, chegando à Cordoaria e, por fim, ao Palácio de Cristal, terminando na FLUP. Também em todos os mapas, a Torre dos Clérigos assume-se como um marco histórico e portador de memória da cidade por referência. No entanto, espaços de fruição como os cafés “Piolho” e Costa também surgem referenciados. Aos olharmos atentamente para o mapa numa posição sul-norte, temos a sensação de que o Porto aqui entendido é aquele que se desloca do centro para o lado ocidental da cidade, sem referência à zona oriental. A cidade é aqui entendida e organizada segundo os seus caminhos e marcos. Damos conta de uma organização do espaço e de uma ordenação do mesmo mais cuidado, ainda que apenas referente a uma pequena parte da cidade do Porto.

À medida que nos debruçamos sobre os mapas apercebemos que o seu grau de pormenor e detalhe se modifica. A Figura 3 contempla um mapa de uma estudante da Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, de 18 anos e residente em Gondomar.

Figura 3 – Mapa mental n.º 3



Fonte: Vidal 2016

Como marcos surgem as referências ao Mercado do Bolhão e à Estação de São Bento. Os espaços comerciais literários são representados pela Livraria Lello. A referência à zona oriental da cidade, novamente, através de Campanhã, entendida como “Confins do Mundo” e evidenciando claramente uma representação do espaço como algo inacessível, longínquo e quase desinserido da cidade. No centro histórico e na baixa o restaurante de ‘fast-food’ McDonald’s, instalado em plena Praça da Liberdade no antigo café Imperial, ganha um lugar no mapa, à semelhança do centro comercial Via Catarina, situado na Rua de Santa Catarina e que é uma zona comercial típica da cidade.

O mapa mental que seguidamente se apresenta (Figura 4) é da autoria de uma estudante do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, com 23 anos e residente em Paramos (Espinho).

Figura 4 – Mapa mental n.º 4

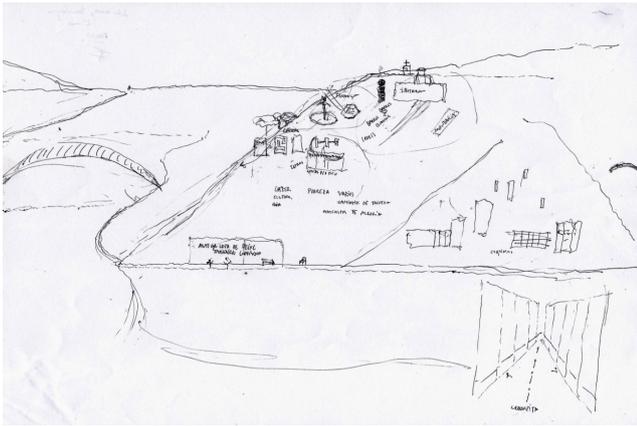


Fonte: Vidal 2016

A representação da cidade corresponde, essencialmente, à zona histórica e central, mais concretamente entre a Ribeira e a Avenida dos Aliados. O rio Douro surge como limite (“edge” cf. Lynch 1960) da cidade a sul e, em termos de elementos icónicos e patrimoniais da cidade destacam-se a Torre dos Clérigos, a Estação de São Bento, a Sé e a Muralla Fernandina. Importa que se retome o pedido que foi feito aos estudantes: construir um mapa mental da cidade do Porto. Ora, neste mapa, e à semelhança de outros (Vidal 2016, 2018), a cidade de Vila Nova de Gaia surge referenciada nos mapas através do Mosteiro da Serra do Pilar, evidenciando uma estreita ligação com a mesma e uma noção de pertença/unificação com o Porto. O que acontece é que a distância física entre as mesmas não é suficiente para criar uma fronteira, acrescentando o facto de que os movimentos pendulares entre ambas são constantes e diários (Maia 2004).

O último mapa apresentado é da autoria de uma estudante da Licenciatura em Sociologia, com 22 anos e residente na cidade do Porto (Figura 5).

Figura 5 – Mapa mental n.º 5



Fonte: Vidal 2016

Assume-se como um mapa complexo do ponto de vista de denúncia e crítica social aos múltiplos espaços dentro da cidade do Porto. Os poucos elementos que o constituem têm como objetivo representar a zona onde se inserem: a zona da FLUP e a zona de Massarelos (Freguesia do concelho do Porto), destacadas por espaços e lugares que até então não foram referidos, como é o caso da antiga lota de peixe do arquiteto Januário Godinho, símbolo do passado piscatório da cidade, aliás já identificado noutro estudo (Casaleiro, Quintela, 2008), a Avenida dos Aliados que não se encontra identificada pelo seu nome, mas sim pelos elementos que dela fazem parte como é o caso dos bancos e dos hotéis. Também a zona das Faculdades de Arquitetura e de Letras são aqui mencionadas, referindo que esta última se encontra “de costas para o rio” e que neste espaço físico existe “pobreza”, “vazios”, “caminhos de tristeza” e “caminhos de alegria”, referindo ainda a existência de “lazer” e “cultura” no mesmo espaço. É a cidade dual de que tanto ouvimos falar, de um Porto dispar povoado por indivíduos que se movem em espaços sociais diferentes, balizados por barreiras simbólicas (Queirós 2013). Por fim, a zona de Miragaia, representada no canto central direito, entendida como um espaço de esquinas (dado o desenho urbanístico das ruas). Neste mapa os caminhos (“paths” cf. Lynch 1960) são pouco explícitos. Vemos que são referidos os caminhos da tristeza e da alegria, mas sem menção a nomes verdadeiros de ruas ou lugares. Este mapa reflete a importância do caminhar no urbano que Michel de Certeau refere, e que Carlos Fortuna retoma, como forma de contrariar um olhar distraído, muito contemporâneo, de constatar as relações sociais, económicas e culturais que ocorrem no mesmo espaço social urbano (Certeau 1984; Fortuna 2018). No que se refere a marcos ou monumentos, vemos o Palácio de Cristal, a Torre de Clérigos (ainda que apenas desenhada) e a antiga lota de peixe de Massarelos. Quanto aos limites (“edges” cf. Lynch 1960) conseguimos perceber que, mais uma vez, o rio Douro assume aqui a sua importância, bem como a Ponte da Arrábida (muito pouco referida nos outros mapas).

É interessante apontar no canto inferior direito um grande plano de Cedofeita (freguesia da cidade do Porto), desenquadrado do espaço físico da cidade.

Notas conclusivas

Ainda que de caráter exploratório, a presente investigação procurou efetuar uma abordagem à representação mental que os estudantes possuem sobre a cidade do Porto, através da aplicação de um inquérito por questionário e da análise de mapas mentais construídos pelos mesmos. O contributo que se pretende dar assenta numa tentativa de agrupar um conjunto de dados referentes à representação da cidade que possibilitem o desenho de estudos etnográficos, seja de cariz sociológico ou antropológico, mais focalizados.

Da análise dos dados do inquérito e dos mapas mentais, é importante retirar como conclusão geral que a diversidade de cursos e de origens dos estudantes coincide com leituras plurais sobre a cidade do Porto, uma vez que não houve espaço para explorar outras dimensões sociológicas relevantes como a profundidade temporal de relação com a cidade, a origem social, as ocupações de tempo (e seus modos) quando na cidade, entre outros. Mas se por um lado os mapas mentais da cidade revelam esta diversidade, por outro aproximam-se em vários pontos. A desorganização da imagem mental da cidade do Porto (Figura 1) possibilita estabelecer uma ligação, numa lógica hipotética, a que Carlos Fortuna refere como “microcosmos sonoro” (Fortuna 1998) para o espaço público. Este fenómeno é visível no desligamento dos indivíduos com o percurso que traçam por estarem conectados à dimensão virtual, resultando num desconhecimento da cidade, dos seus elementos e dos seus percursos, pois, com a evolução do campo da tecnologia e dos transportes, a identificação da cidade pelos seus limites físicos perdem, gradualmente, importância, pois os seus elementos representacionais, como os mapas nos sugerem, extravasam esses mesmos limites (Fortuna 1997). Os elementos localizados na zona central e ocidental continuam presentes no imaginário simbólico e representacional. Por outro lado, agrava-se a reprodução da representação (ou falta dela) de uma zona oriental da cidade esquecida, de costas voltadas para o todo, desligada ou desconectada entre si. Ainda que não seja totalmente justificativo, o facto de a FLUP se localizar na zona central da cidade pode concorrer para este desconhecimento da zona oriental. Outro elemento interessante advém do esbatimento das fronteiras físicas e administrativas da cidade. Os limites da cidade do Porto são alargados no espaço, agregando os municípios contíguos, o que resulta na integração de elementos externos à cidade no seu referencial simbólico.

Na cidade do Porto parecem continuar a persistir territórios dentro de um território, moldado por espaços distintos, uns mais nobres (ocidental), outros mais turísticos (central) e alguns esquecidos (oriental) (Vidal 2018).

Referências

- Casaleiro, P. e Quintela, P. (2008). As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta. VI Congresso Português de Sociologia, 25 a 29 de junho de 2008. Lisboa.
- Certeau, M. de. (1984). *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press.
- Cesário, A., de Almeida, A. e Maia, D. (1996). Imagens da Cidade: memória coletiva em Londrina. *Mediações - Revista de Ciências Sociais* 1(2): 57-64. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9381/8113>. [consultado em 21 de julho de 2019].
- Durkheim, E. (1964). *The Division of Labour in Society*. New York: Free Press.
- Featherstone, M. (1997). "Culturas Globais e Culturas Locais". In C. Fortuna (ed.), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 82-102.
- Fernandes, A. (1995). Espaço social e suas representações. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 2(1): 61-99. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>. [consultado em 18 de julho de 2019].
- Fortuna, C. (1997). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- Fortuna, C. (1998). Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 51: 21-41. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/rcs/includes/download.php?id=666>. [consultado em 15 de julho de 2019].
- Fortuna, C. (2018). Caminhar urbano e vivências imprevistas. *Revista Brasileira de Sociologia* 6(13): 136-154. Disponível em <https://doi.org/10.20336/rbs.262>. [consultado em 27 de julho de 2019].
- Fortuna, C. e Peixoto, P. (1999). As novas e as velhas imagens das cidades: um olhar sobre a transformação identitária de cinco cidades portuguesas. IV Congresso Português de Sociologia, 17 a 19 de abril de 1999. Coimbra.
- Jodelet, D. (1989). "Représentations sociales: un domaine en expansion". In D. Jodelet (ed.), *Lés representations sociales*, Paris, P.U.F, pp. 45-78.
- Lefebvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Paris: Éditions Anthropos.
- Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Maia, R. (2004). Porto e Vila Nova de Gaia num só concelho: reflexão a partir da recente evolução demográfica e habitacional da área metropolitana do Porto. *A Obra Nasce: Revista de Arquitectura da Universidade Fernando Pessoa* 2: 18-39. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/712>. [consultado em 10 de julho de 2019].
- Oliveira, A. (2016). Mobilidade Urbana como elemento chave no desenvolvimento territorial. Ciclo de Conferências Mestrado em Sociologia 2015/2016, 26 de abril de 2016 - Universidade do Porto.
- Oliveira, M. (2017). Inscricões no espaço social: os imigrantes brasileiros no Grande Porto. *Sociologia & Antropologia* 7(2): 459-490. Disponível em <https://doi.org/10.1590/2238-38752017v726>. [consultado a 4 de julho de 2019].
- Queirós, J. (2013). Precariedade habitacional, vida quotidiana e relação com o Estado no centro histórico do Porto na transição da ditadura para a democracia. *Análise Social* 48(206): 102-133. Disponível em analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_206_d02.pdf. [consultado a 4 de julho de 2019].
- Remy, J. e Voyé, L. (1997). *Cidade: rumo a uma nova definição?* Porto: Edições Afrontamento.
- Simmel, G. (1971a). "The Metropolis of Mental Life". In D. Levine (ed.), *Georg Simmel: On individuality and social forms*, Chicago, Chicago University Press, pp. 324-339.
- Simmel, G. (1971b). "The Stranger". In D. Levine (ed.), *Georg Simmel: On individuality and social forms*, Chicago, Chicago University Press, pp. 143-150.
- Soja, E. (2000). *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*. Malden, MA: Blackwell Publishers Ltd.
- Vidal, D. (2016). *Um Porto em cada nós: imagens, representações, semânticas e memórias da cidade*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Vidal, D. (2017). O Porto visto da FLUP: pistas para um conhecimento das imagens, representações, semânticas e memórias dos estudantes. *IS Working Papers* 56: 1-18. Disponível em <http://sociologia.up.pt/?q=pt-pt/working-paper/wp-56-o-porto-visto-da-flup-pistas-para-um-conhecimento-das-imagens-representacoes-semanticas-e-memorias-dos-estudantes>. [consultado a 17 de julho de 2019].
- Vidal, D. (2018). A cidade imaginável: elementos para uma viagem visual e sensorial na cidade do Porto. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* Número temático: 33-53. Disponível em <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2018a2>. [consultado em 12 de julho de 2019].
- Vilaça, H. (2017). A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* Número temático: 12-27. Disponível em <https://doi.org/10.21747/08723419/soctem2017a1>. [consultado em 12 de julho de 2019].
- Wirth, L. (2001). "O urbanismo como modo de vida". In C. Fortuna (ed.), *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta Editora, pp. 45-65.